



O ESPAÇO IMAGINADO E CONSTRUÍDO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O JOGO DE AREIA

VITOR EMANUELL FERREIRA SILVA; ANDRIELY AGUIAR DE FRANÇA; NARLA SATHLER MUSSE DE OLIVEIRA

RESUMO

O presente texto tematiza a respeito do Jogo de Areia inicialmente desenvolvido como “método psicoterapêutico”, adaptado como instrumento para o ensino da Geografia. Como ciência que possui alguns conceitos abstratos, de síntese relacional entre sociedade e natureza, a Geografia necessita de instrumentos que facilitem sua assimilação. Nesse sentido, este trabalho visa mostrar a experiência vivenciada por alunos da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Natal-Central (IFRN-CNAT) na atividade de representar a concepção de espaço geográfico utilizando o Jogo de Areia idealizado por Dora Maria Kalff, analista junguiana suíça. Dessa forma, a ideia da psiquiatra foi adaptada em uma atividade que visava auxiliar tanto na compreensão efetiva do conceito de espaço geográfico, quanto na demonstração de como o objeto de estudo da geografia pode ser representado de maneira simples, mas ainda carregando sua densidade conceitual. A escolha do Jogo de Areia como ferramenta de construção se deu com base na sua possibilidade tátil, sensorial e dinâmica que foi posta em conjunto com miniaturas representativas da vivência humana no espaço geográfico para caracterizar uma visão espacial. Então, propiciando a união entre imaginação e realidade, de forma lúdica, a atividade resultou em uma experiência enriquecedora para o participante que desenvolve um pensamento crítico, criativo e científico. Assim, a partir desta prática, é notória a percepção de como o Jogo de Areia é uma ferramenta que contribui para o ensino aprendizagem de forma concreta e ativa, com conteúdos abstratos, como o espaço geográfico.

Palavras-chave: Prática; Jogo de Areia; Miniatura; Espacialidade; Categorias.

1 INTRODUÇÃO

O presente relato retrata uma experiência vivenciada em uma oficina intitulada “Jogo de Areia: uma forma lúdica de aprender Geografia”, realizada no Museu de Minérios do IFRN-CNAT, patrocinado pelo Centro acadêmico de Geografia - CAGEO.

O ensino de Geografia é complexo e abrangente em razão dos vastos conteúdos e zonas que essa área do conhecimento alcança. Diante disso, é fundamental que a práxis esteja presente de forma constante para auxiliar o processo de aprendizagem dos discentes, já que a busca por meios que permitam a consciência e a análise das categorias, dos fenômenos e de suas transformações deve estar intrínseca nos docentes (Da Silva; Da Silva, 2012).

Dentre os conceitos-chave da ciência geográfica, o alicerce está no espaço, compreendido por Santos como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (2006, p. 39). A categoria espacial, então, é inerente à relação entre objetos e ações, inexistindo sem esta relação conflituosa e harmônica, que se dá

nas mais diferentes escalas. Tal conjunto é fluido e tênue, podendo ser analisado de diferentes maneiras, de acordo com a visão escolhida. Ademais, pode-se comparar o conceito de espaço geográfico à luz branca, pois quando ela é refletida por um prisma, diferentes espectros surgem ramificados. Já no caso do espaço, ele engloba as demais categorias de análise da geografia, como território, lugar, região e paisagem, ou seja, nele existem outros conceitos, decorrentes de ações humanas nos objetos.

Portanto, constata-se que o espaço geográfico se apresenta nas suas mais variadas formas e, para ser compreendido adequadamente, a reciprocidade entre teoria e prática é essencial - o que vivenciamos na oficina, permeados pela bagagem teórica trazida, aliada à proposta de criação de uma espacialidade na caixa de areia. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar as possibilidades do Jogo de Areia na compreensão do espaço geográfico.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa a partir da experiência vivida, já que o relato está voltado na compreensão do processo e não na elaboração de levantamentos estatísticos. O relato de experiência, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021, p.64), “em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)”.

A oficina “Jogo de areia: uma forma lúdica de aprender Geografia” foi realizada no dia 13/11/2023, entre 16h30 e 18h, no Museu de Minérios do RN. A atividade se tratou de uma prática para o desenvolvimento representativo do conceito de espaço geográfico, da qual participaram 12 estudantes da Licenciatura em Geografia do IFRN-CNAT, de diferentes períodos do curso.

Foram dispostas 8 caixas retangulares preenchidas com areia até a metade, distribuídas em 2 bancadas, além de dezenas de miniaturas - dentre os quais estavam bonecos, árvores, frutas, construções e animais. Após a contextualização do histórico, importância e uso pedagógico do Jogo de Areia e os efeitos positivos que ela traz na sua aplicação didática, a facilitadora lançou uma questão problematizadora relacionada ao conceito de espaço geográfico e foi solicitado que cada participante construísse um cenário que retratasse a compreensão pessoal do espaço geográfico utilizando as miniaturas. Ao fim da construção, cada um dos participantes deveria explicar seu cenário para os demais participantes, com possibilidades de interação entre eles.

3 DISCUSSÃO

A metodologia da caixa de areia surgiu na década de 1950, idealizada pela psicóloga Dora Kalff, para tratamento terapêutico e reconheceu que os cenários representados simbolizam algo comparável com um estado onírico para o indivíduo (Silva; Costa; Mafra; Santos; Lima, 2015).

“Graças ao método ‘mão na massa’ do Jogo de Areia, as dimensões espiritual e psicológica não são apenas consteladas na pessoa, mas ao mesmo tempo lhes é conferida uma forma concreta através das mãos de pessoas [...] o trabalho com as mãos na caixa de areia mobiliza as energias criativas, fazendo com que fluam novamente (Ammann, 2004, p.11)”

As energias criativas que fluem para terapia também fluem quando a caixa de areia é utilizada na educação. Isso acontece, porque a compreensão do espaço geográfico é colocada

em questão na elaboração e organização da caixa de areia pelos alunos, sendo um instrumento pedagógico democrático, já que eles participam ativamente da construção da sua visão de espaço. Diante disso, o professor se coloca como agente não só de transmissão do conhecimento, como também de motor que leva o aluno à situação de sujeito ativo (Sousa; Gomes, 2012).

Esse instrumento pedagógico constrói imagens derivadas do imagético individual, possibilitando compreensões distintas de cada produção, conforme afirma Cavalcanti (2008, p.12), “A imagem é vida, é vivência. Uma imagem não é aquilo que se vê, mas o modo como se vê”. Dessarte, devido aos imaginários singulares, espaços diferentes são formados, permitindo diferentes análises.

3.1 O espaço construído

Após as orientações iniciais pensamos em construir uma cidade, por ter a possibilidade de abranger mais espacialidades. Utilizando várias miniaturas representamos uma área urbana e outra rural, ampliando e fragmentando os espaços que resultaram na construção imagética da cidade litorânea como pode ser observado na da figura 1.

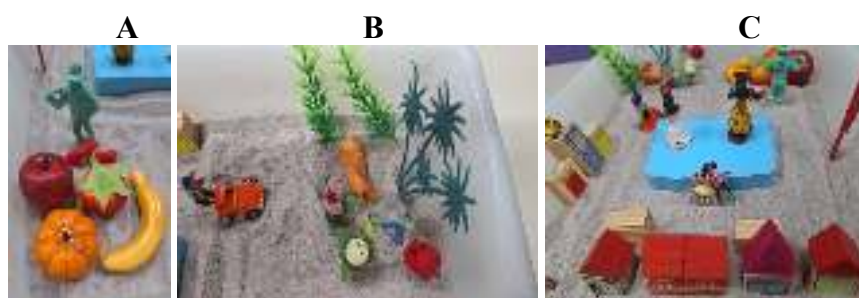
Figura 1: O espaço sendo formado: em A, momento de construção do imaginado por nós; em B, o espaço já construído.



Fonte: Autoria própria (2023)

Após a construção da cidade, observamos semelhanças entre elementos e resolvemos agrupá-los, já visando explicar os conceitos geográficos, quando tal período chegasse. Passamos cerca de 25 minutos na construção das espacialidades observadas na Figura 2.

Figura 2: Regiões presentes no espaço: em A, território agrícola; em B, Paisagem; em C, Lugar de convivência.



Fonte: Autoria própria (2023)

Depois de finalizada a construção espacial, constatamos que poderíamos utilizar as categorias de análise da Geografia para explicar nossa visão. Diante disso, referente a figura 2, em ‘A’ temos a percepção de território, já que ele remete a uma área delimitada pelo fazendeiro, que tem a posse de recorte espacial, com sua plantação agrícola. Em B, há uma paisagem, que se refere a tudo que nossa visão alcança - vale destacar que foi colocado um carrinho para representar o avanço do desmatamento sobre as áreas de floresta nativa. Em ‘C’, observa-se uma área de convívio social, ou seja, a categoria de lugar, pois envolve uma área de significados particulares e de sentimentos. Ademais, vale ressaltar que tal lugar está ameaçado, pois à direita da praça, há uma miniatura que simboliza um termômetro, indicando altas temperaturas e avanço do nível do mar para as construções à beira da praia.

A abstração imagética realizada por nós, diante do espaço construído, incentivou nossa imaginação, graças ao que o Jogo de areia motivou. Diversas análises também poderiam ser feitas, pois há uma unicidade perceptiva do indivíduo. Com essa experiência, é corroborada a afirmativa de que outras categorias compõem o espaço geográfico e que ele é onde estamos inseridos, onde interagimos e onde as relações da sociedade com a natureza acontecem.

4 CONCLUSÃO

Conforme o exposto, evidenciou-se que o jogo de areia é uma experiência lúdica rica, simples de ser realizada e que abrange o conceito de espaço de forma integrada. Durante a prática, expandimos a nossa percepção da realidade socioespacial, percebendo que ela pode ser representada simbolicamente de forma a nos inserir como sujeitos modificadores, com liberdade de imaginar e de transformar tal espaço. Portanto, os resultados foram prazerosos por meio dessa metodologia envolvente e interativa que nos trouxe conhecimento e diversão.

REFERÊNCIAS

AMMANN, Ruth. A terapia do Jogo de Areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

CAVALCANTI, Katia Brandão. Jogo de areia e transdisciplinaridade: desenvolvendo abordagens ludopoiéticas para a educação e a pesquisa do lazer. Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 1-15, dez. 2008.

DA SILVA, Maria do Socorro Ferreira; DA SILVA, Edimilson Gomes. O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, Anais... São Cristóvão-SE/Brasil. Sergipe, 2012.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. Práxis Educacional, [S.L.], v. 17, n. 48, p. 1-18, 1 set. 2021. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. <http://dx.doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Usp, 2006.

SILVA, Adna Geysiane Souza da; COSTA, Thiago Gomes Thomaz da; MAFRA, Danielle

Araújo; SANTOS, Artemisa de Andrade e; LIMA, Ana Loisa de. METODOLOGIAS ATIVAS E O SANDPLAY: cenários da imaginação criativa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize, 2015.

SOUSA, Solange Maria; GOMES, Magno Miranda. A caixa de areia e a geografia escolar: um instrumento facilitador. In: VII CONNEPI-CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7., 2012, Palmas. Anais [...]. Palmas: ., 2012.